

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC
PIBIC - EM/CNPq

Título: A Luta anti-opressão: a escrita de autoras negras sobre as relações raciais no Brasil

Resumo: Esse projeto tem como objetivo discutir obras e leituras de duas autoras negras, sendo elas Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro. A partir delas compreenderemos as relações raciais e sociais no Brasil com o objetivo de verificar como tais autoras colaboram para pensar um feminismo negro como ferramenta de anti-opressão para o país. Como metodologia, o trabalho passa por duas etapas. A primeira é ler e interpretar obras sobre as duas autoras e sobre mulheres negras. A segunda parte conta com oficinas de leitura, escrita e trocas sobre o feminismo, feminismo negro e realidade brasileira a partir dos escritos dessas autoras, com jovens de 14 a 18 anos. Espera-se que ao final dessa pesquisa possa-se observar as contribuições dessas autoras negras brasileiras para pensar os problemas raciais do Brasil.

1. Introdução e contextualização do projeto:

Não é de hoje que as relações raciais no Brasil são vistas como singulares. Desde 1500 temos um país racializado que foi construído por meio do estupro de mulheres negras. O “corpo feminino” e, majoritariamente, o corpo pobre, negro e periférico, sempre foi controlado e explorado por quem estava e continua no poder. É interessante analisarmos, por exemplo, o ranking de igualdade de gênero no mundo a partir do quinto objetivo da Agenda 2030 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS) 2022. Temos Dinamarca, Suécia, Noruega, Islândia, Finlândia e outros países da Europa no topo da lista, todos países ricos e desenvolvidos. É importante observar de onde vem toda essa riqueza. O Brasil está na 78ª posição perto de outros países da América Latina (CRISTALDO, 2022)

O Brasil, assim como toda América Latina, foi explorado e dominado pela Europa, caindo, assim, em uma extrema desigualdade social e em um capitalismo selvagem. Nós sustentamos o desenvolvimento desses países,

é uma relação interdependente. É uma relação de colonialismo. A Europa é literalmente a criação do terceiro mundo. A riqueza que a sufoca é aquela que foi roubada do povo subdesenvolvido. (FANON, 2006)

É durante esse período de colonização que se inicia a tortura do povo negro. É ali que as diferenças raciais começam a ser impostas para sustentar um tipo específico de projeto político e econômico. Ynaê Lopes dos Santos, no Portal Geledés em 22/09/, nos diz que: “*O Brasil nasce apostando na escravidão para seu futuro*”. Os primeiros corpos negros de nosso país foram tirados de seus próprios territórios, arrancados de suas raízes culturais e sociais, e escravizados. Nós fomos o último país do Ocidente a abolir a escravidão. O Rio de Janeiro foi a maior cidade escravista das Américas. Era lá que ficava centralizado o poder máximo (o Império). As medidas políticas tomadas pela elite pactuaram em torno da manutenção da escravidão. Afinal, o funcionamento da sociedade dependia dos diversos trabalhos da mão de obra escravizada, desde o doméstico até o braçal. O corpo branco da monarquia portuguesa escrevia, determinava e contabilizava corpos negros como mercadoria. Fomos construídos e sustentados a partir dessa ideia. Sendo assim, “*o racismo estrutural está compactuado na forma de nosso país funcionar*” (SANTOS, 2021)

A realidade colonial se estende e se mantém até os dias de hoje. No mês de junho de 2022, data próxima a este projeto, tivemos o assassinato de Genivaldo, em que três agentes rodoviários federais mataram a vítima asfixiada dentro do porta malas da viatura. Em contrapartida, a ação do Estado Brasileiro em conjunto com a Polícia Rodoviária Federal, foi impor sigilo de 100 anos aos procedimentos administrativos dos agentes envolvidos na morte.

O Brasil deu e dá continuidade todos os dias a esse projeto de extermínio do povo negro. Também tivemos mais de 26 corpos pretos e periféricos na Vila Cruzeiro, no Complexo de Favelas da Penha, no Rio de Janeiro, sendo massacrados pelo Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e pela Polícia Rodoviária Federal (a segunda operação mais letal realizada por policiais do Estado, atrás apenas da chacina do Jacarezinho). De acordo com um levantamento realizado pelo Grupo de Estudos de Novas Ilegalidades da Universidade Federal Fluminense (Geni/UFF), nos últimos 14 anos houve 593 chacinas policiais no Rio de Janeiro. E passando apenas 23 minutos, será mais um corpo negro sendo levado,

“descartável igual o cigarro que ‘cê fuma”, como diz Jup do Bairro em sua música “Luta por mim”.

A pessoa negra realmente só existe quando morre, a mulher negra, trans, travesti só é:

reconhecida na exploração, sexualização e submissão. De acordo com o dossiê elaborado pela Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), das 140 vítimas da população trans e travesti que foram assassinadas em 2021, 96,4% delas se identificavam com o gênero feminino, ou seja, eram **mulheres** trans e travestis. O Brasil lidera o ranking mundial de assassinatos dessa população com 1.645 vítimas, seguido de México (593) e Estados Unidos (324). Também existe um recorte de classe e raça desse genocídio, 81% das vítimas eram negras e 78% eram profissionais do sexo, apontando a situação de vulnerabilidade por falta de acesso a outras oportunidades de trabalho dessas pessoas. (MENDONÇA, Jornal A Ponte, 28/01/2022)

O Brasil de fato vive uma guerra civil e essa pesquisa tem como um de seus objetivos entender como isso é constitutivo das nossas relações sociais. Também pretende-se trazer o feminismo negro como uma ferramenta de anti-opressão em diversos níveis e perspectivas, colocando em pauta além da questão de gênero, a questão de classe e raça que é tão presente na realidade brasileira. Procurando entender como esse feminismo contrapõe essa estrutura criada pela colonização e mantida pelo capitalismo em conjunto com o neoliberalismo. Buscando toda essa compreensão a partir de obras de mulheres negra, que são apagadas propositalmente ao longo da história.

É só pensarmos nas obras de Lélia Gonzalez e da Beatriz Nascimento, por exemplo, que foram produzidas há 30, 40 anos, mas se fazem atuais e ainda pouco conhecidas (ROCHA, 2021)

De acordo com Neide Almeida, as obras de autoras afro-brasileiras não chegam às instituições de ensino, seja no superior ou no ensino fundamental/médio. Elas não estão na lista de referência das obras teóricas que todas as pessoas precisam ler, ou seja, são silenciadas de inúmeras formas: pela literatura pensada a partir de um projeto de embranquecimento não só de nossos corpos, mas também de nossas ideias. E por meio do lugar social e marginalizado em que essas mulheres estão inseridas, lugar esse que as assassina. Como diz Marilene Felinto:

Nessa cidade de onde saio, essa cidade tão enorme de prédios e pessoas e carros e lixo passando e vida de cidade, as pessoas são jeitos perdidos. As coisas acontecem, as histórias se fazem aos milhares, mas as histórias se perdem também aos milhares, morrem onde nascem. Cada pessoa é

uma história perdida.”(Trecho *As mulheres de Tijucopapo*, de Marilene Felinto)

E é pelo fato de o que Brasil impossibilita que as vozes e escritas de mulheres negras triunfem e sejam de fato disseminadas, ouvidas e interpretadas, que essa pesquisa gostaria de observar o que essas autoras têm a dizer sobre essa realidade que vivenciam e escrevem. Deste modo, indo atrás do que tentam tanto apagar e estudando, para resistir.

2. Breve descrição dos objetivos e metas

Objetivo Geral

Entender por meio das duas autoras negras (Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro), as relações raciais no Brasil e de que modo o feminismo negro surgiu como uma ferramenta de resistência ao que essas relações geraram e geram.

Objetivos Específicos

- Compreender a partir das obras de autoras negras as características das relações raciais no Brasil
- Entender a partir das leituras, como o feminismo negro é ou pode ser uma ferramenta de anti-opressão em diversos níveis;
- Observar o Brasil relatado pelas autoras e o Brasil;

3. Metodologia

Para conseguir alcançar o objetivo proposto será necessário realizar uma revisão bibliográfica que consiste na leitura de obras de autoras negras, sendo elas, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro. A partir disso, em um primeiro momento, iremos observar suas escritas e compreender o Brasil relatado por tais autoras.

Essas duas escritoras vivenciaram e trazem perspectivas de um Brasil que se relaciona com classe, raça e gênero. A importância metodológica de construir uma pesquisa em cima de suas obras é compreender esse Brasil em movimento, que é real, e que elas vivem, descrevem, e relatam.

Por meio da análise dessas obras, iremos realizar uma segunda parte metodológica. Essa será constituída de reuniões e rodas de conversa em grupo com jovens de 14 a 18 anos, para entender como elas enxergam os feminismos, mas, sobretudo, o feminismo negro. Também, para identificar como elas interpretam as relações raciais em nosso país, procurando saber se elas leem o feminismo negro como uma ferramenta de anti-opressão, o que sabem sobre ou se entendem a importância de tal.

Esses encontros entre as jovens serão oficinas de leitura e diálogo, sendo apresentado textos e materiais produzidos através da revisão bibliográfica. Essas oficinas serão um espaço de compartilhamento de conhecimento sobre feminismo, feminismo negro e relações raciais no Brasil. O intuito metodológico dessas reuniões é no final de cada uma delas construir um relato do que foi pontuado pelas jovens.

4. Descrição de Viabilidade do Projeto

O projeto se torna possível e viável por dois motivos. A escolha metodológica facilita o acesso para a pesquisadora, pensando que a mesma está situada em uma escola com biblioteca e que possui fácil acesso a outras bibliotecas ao redor do espaço, visto que a escola está inserida no campus da Universidade de São Paulo. A segunda parte da pesquisa consiste em entrevistas com jovens de 14 a 18 anos, idade próxima a da pesquisadora, o que facilita a comunicação e a participação para as reuniões. Uma outra questão importante, é que o não conhecimento sobre o feminismo negro ou sobre o que as autoras pensam, é um dado de suma importância para a pesquisa, podendo refletir e analisar o porquê desse processo. A escola possui equipamentos eletrônicos como computadores e notebooks com acesso a internet, o que possibilita a pesquisa ser desenvolvida.

5. Cronograma:

[illegible]

Referências bibliográficas

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Um Rio Negro. Escravidão e Liberdade no Rio de Janeiro do século XIX**. Portal Geledés escrito em 22/09/2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/um-rio-negro-escravida-o-e-liberdade-no-rio-de-janeiro-do-seculo-xix/>>. Acesso em 28/06/2022.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. 3. ed. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

CRISTALDO, Heloísa. **Brasil registra 78ª posição em ranking sobre igualdade de gênero**. Agência Brasil publicado em 08/03/2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-03/brasil-registra-78a-posicao-em-ranking-sobre-igualdade-de-genero>>. Acesso em 28/06/2022.

Caso Genivaldo Santos: policiais envolvidos em abordagem que resultou em morte por asfixia são identificados. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/29/caso-genivaldo-santos-policiais-envolvidos-em-abordagem-que-resultou-em-morte-por-asfixia-sao-identificados.ghtml>>. Acesso em 28/06/2022.

ROCHA, Liliane. **O plágio e o apagamento da intelectualidade negra**. Portal Geledés, escrito em 12/10/2021 Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-plagio-e-o-apagamento-da-intelectualidade-negra/>>. Acesso em 28/06/2022.